

# De “merdalheres” a “conservadias”: o discurso de ódio masculinista<sup>1,2</sup>

*From merdalheres to conservadias:  
the masculinist hate speech*

Bruna Camilo de Souza Lima e Silva<sup>a</sup>, Alessandra Sampaio Chacham<sup>b</sup>

**Resumo** Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que investigou a interação entre os discursos masculinistas nas redes sociais e a extrema-direita no cenário político brasileiro. A análise se concentra na relação entre os discursos masculinistas veiculados nas redes sociais, a misoginia e seu vínculo com a extrema-direita. Os conceitos centrais de misoginia e masculinidade são primeiramente delineados para estabelecer uma base teórica a fim de desenvolver nossa análise. A metodologia adotada compreende uma pesquisa exploratória que inclui blogs, grupos no aplicativo Telegram e materiais fornecidos pela professora e pesquisadora Lola Aronovich. Os resultados da pesquisa esboçam a convergência entre os discursos masculinistas e a extrema-direita. Ao examinar os conteúdos desses grupos e blogs, observa-se uma associação entre os grupos masculinistas e a misoginia, a qual, por sua vez, está interligada com elementos dos discursos da extrema-direita. A interseção desses discursos sugere que as ideias masculinistas proporcionam um terreno fértil para a disseminação de ideais extremistas.

**Palavras-chave** Masculinidades. Masculinismo. Misoginia. Extrema-direita. Redes sociais.

**Abstract** *This article presents the results of a research that investigated the interaction between masculinist discourses on social media and the far-right in the Brazilian political scenario. The analysis focuses on the relationship between masculinist discourses disseminated on social media, misogyny, and their connection with the far-right. The central concepts of misogyny and masculinity are first outlined to establish a solid theoretical foundation for our analysis. The methodology adopted comprises exploratory research that encompasses blogs, groups on the Telegram app, and materials provided by Professor and researcher Lola Aronovich. The research*

a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)- Ministério da Saúde. Brasília, DF, Brasil. E-mail: brunalimaa25@gmail.com

b Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: achacham@pucminas.br

1 Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa realizada para a tese de doutorado da primeira autora do artigo, defendida em 2023 no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais com o título: *Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil*.

2 Financiamento: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

*results delineate the convergence between masculinist discourses and the far-right. Upon examining the contents of these groups and blogs, an association between masculinist groups and misogyny is observed, which, in turn, is interconnected with elements of far-right discourses. The intersection of these discourses suggests that masculinist ideas provide fertile ground for the dissemination of extremist ideals.*

**Keywords** *Masculinities. Masculinism. Misogyny. Far-Right. Social networks.*

## INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma análise do discurso e das ideologias difundidas por masculinistas brasileiros, examinando sua relação com a extrema-direita no contexto político do Brasil, particularmente pela investigação dos discursos masculinistas e misóginos presentes nas plataformas de mídia social. O masculinismo pode ser caracterizado como uma ideologia profundamente patriarcal e misógina que busca reafirmar a prática violenta de dominação, caracterizando as mulheres como oportunistas e antagonistas dos direitos dos homens (Lima e Silva, 2023). Os masculinistas são indivíduos misóginos que propagam discursos e práticas de ódio contra as mulheres, situando-as, juntamente com a comunidade LGBTQIA+ e pessoas negras, em uma posição de subordinação, enquanto advogam pela superioridade masculina nos domínios cultural, político, econômico e social (Lima e Silva, 2023). De acordo com Rosana Pinheiro-Machado (2019), o masculinismo tem Jack Donovan como uma figura de referência, um influente estadunidense associado à nova extrema-direita, o que intensifica ainda mais sua característica misógina<sup>3</sup>.

Pinheiro-Machado (2019) ainda observa que nos últimos anos, especialmente após a reeleição de Dilma Rousseff em 2014, a misoginia tem sido explicitamente empregada como um instrumento de agressão no cenário político, manifestando-se através de memes misóginos disseminados por *bots*<sup>4</sup> e *capas de revistas sexistas, entre outros meios. Por meio desses bots*, as ideias masculinistas são disseminadas em larga escala, alcançando tanto a *deep web* quanto a internet convencional, onde seguidores dessas ideologias produzem vídeos de divulgação bem acessíveis, em que justificam, por exemplo, a necessidade de violência para manter a ordem. Essas ideias são rapidamente difundidas em grupos de WhatsApp entre amigos e familiares, promovendo a narrativa de que o feminismo é a causa dos problemas mundiais (Pinheiro-Machado, 2019).

<sup>3</sup> Ver em <https://theintercept.com/2019/05/27/jack-donovan-machos-em-crise/> (acesso em 31/05/2021).

<sup>4</sup> Forma reduzida de *robot*, que é uma aplicação de *software* concebido para simular ações humanas repetidas vezes de maneira padrão, da mesma forma que faria um robô.

Em uma pesquisa sobre memes eróticos e notícias falsas direcionados a Dilma entre 2014 e 2016, Allan Carlos dos Santos (2019) demonstrou como essa produção não apenas reforça a misoginia, mas também parece incitar agressões físicas contra as mulheres. Encorajados pela sensação de impunidade, os agressores têm submetido as mulheres a mais um meio de violência, o qual não substitui outros métodos, mas sim amplifica e intensifica sua ocorrência (Stipp; Machado; Madrid, 2020).

Para compreender o fenômeno em questão, é imperativo contextualizar o cenário a que nos referimos e elucidar o percurso que nos levou ao momento presente. Em nossa abordagem teórica, utilizamos conceitos fundamentais para a compreensão das problemáticas abordadas, tais como gênero, masculinidade, misoginia e extrema-direita, além de explorarmos um aspecto que tem se mostrado crucial para a consolidação da extrema-direita: o emprego de notícias falsas, amplamente difundidas pelas redes sociais.

Para a coleta e análise dos dados, adotamos uma abordagem qualitativa, embasada em ferramentas metodológicas como a análise de conteúdo. Os dados foram coletados a partir de postagens e comentários em blogs, fóruns e grupos de aplicativos de mensagens, bem como por meio de materiais da professora e pesquisadora Lola Aronovich<sup>5</sup>, uma estudiosa reconhecida na área que também tem sido alvo de ataques por parte dos masculinistas.

## MASCULINIDADE: O QUE É “SER HOMEM”?

A masculinidade pode ser compreendida como um conjunto de práticas que delineiam a posição dos homens dentro da estrutura das relações de gênero (Connel, 1995, p. 188). Este conjunto de práticas define os atributos que caracterizam a identidade masculina, frequentemente associada a comportamentos agressivos, resultando em uma dicotomia entre as concepções de “macho” e “masculino”. Tal dicotomia contribui para a insegurança inerente à identidade masculina, fomentando tanto a autodepreciação quanto reações violentas em relação a outros indivíduos e circunstâncias.

Em relação ao processo de construção da masculinidade, a socióloga nigeriana Oyewùmí Oyèrónkè (2021) argumenta que o gênero foi concebido ontologicamente e que, dentro dessa ontologia, a categoria de cidadania, intrínseca à teoria política ocidental, é percebida como masculina. Nessa narrativa, destaca-se a centralidade

---

5 Dolores Agüero Aronovich, professora de Letras da Universidade Federal do Ceará, conhecida como Lola Aronovich, é vítima de ataques dos masculinistas há quase vinte anos devido à sua atuação em seu blog desde o início dos anos 2000. Uma lei com seu nome contra crimes de misoginia na internet foi sancionada em 2018.

dos corpos, concebidos como dois corpos distintos, dois sexos, duas categorias persistentemente contrapostas, sustentando a construção firme do corpo como *locus* e causa de diferenças e hierarquias na sociedade (Oyèrónkè, 2021, p. 35).

Dentro dessa mesma perspectiva hierárquica, Connel identifica a existência de uma masculinidade hegemônica, entendida como um conjunto de práticas que perpetuam a dominação masculina sobre as mulheres (Connel, 2013, p. 245). A hegemonia da masculinidade não se manifesta necessariamente como uma norma estatística; apenas uma minoria de homens pode eventualmente adotá-la. No entanto, ela é normativa, representando a forma idealizada de masculinidade, impondo-se como um padrão pelo qual todos os outros homens devem se posicionar e legitimando ideologicamente a subordinação das mulheres aos homens (Connel, 2013, p. 245). Homens que desfrutam dos privilégios do patriarcado sem adotar uma forma explícita de dominação masculina podem ser interpretados como aqueles que compactuam com a masculinidade hegemônica, demonstrando uma cumplicidade masculina.

A cumplicidade masculina refere-se a homens que, embora não adotem explicitamente a dominação masculina, compactuam com ela. Por outro lado, as masculinidades subordinadas dizem respeito à dominação exercida por homens heterossexuais sobre homens homossexuais, enquanto as masculinidades marginalizadas estão relacionadas às exclusões sociais e raciais vivenciadas por certos grupos de homens na sociedade (Connel, 2013).

Almeida (1995) argumenta que a masculinidade hegemônica representa um modelo cultural ideal que exerce influência reguladora tanto sobre homens quanto mulheres. Essa forma de masculinidade se consolida através de um discurso de domínio e ascensão social, conferindo aos homens um potencial privilégio. Destaca-se que a masculinidade hegemônica desempenha um papel fundamental na configuração das relações de gênero, em que o patriarcado é definido como uma ordem específica na qual a masculinidade hegemônica posiciona o feminino e as masculinidades subalternas em uma condição de inferioridade (Almeida, 1995, p. 164).

Esse modelo de masculinidade hegemônica, difundido na cultura, é associado a uma masculinidade colonizadora. A colonialidade, como perpetuação das estruturas de poder coloniais, se fundamenta na “racialização” e nas formas racializadas das relações de produção; no “eurocentrismo” como sistema de produção e controle social das subjetividades e corpos, e na hegemonia do “Estado-nação”, que, após o período colonial, é internalizado como periferia (Silva Junior; Sales; Leite, 2021, p. 3).

Assim, o empreendimento colonial continua ativo e vigoroso, manifestando-se como colonialidade do poder, do conhecimento e do ser (Quijano, 1992). Nessa perspectiva decolonial, são denunciados os abusos de poder, conhecimento e dominação de base epistêmica (Meneses, 2008). A colonialidade introduz a ideia de que, apesar do fim do domínio europeu nas Américas, África, Ásia e Oceania, e da emergência dos Estados-nação, a colonização e suas diversas formas de imposição social não cessaram. A continuidade do controle sobre as populações periféricas e a estrutura colonial de coerção são denominadas colonialidade, estimulando a necessidade de uma abordagem teórico-política insurgente: o decolonial (Santos, 2018).

Nesse contexto, a masculinidade hegemônica, originada no Ocidente e no hemisfério norte, promove um modelo específico de masculinidade. Este padrão exige que todos os outros homens se conformem a ele, legitimando-o ideologicamente e subordinando homens e mulheres em uma escala global (Connell; Messerschmidt, 2013). Por outro lado, encontramos as masculinidades periféricas – os gêneros do hemisfério sul (Connell, 2018, p. 29). Essas identidades são marginalizadas e excluídas, representando as masculinidades estabelecidas em um contexto de restrição, frequentemente associadas às ocupações laborais da classe trabalhadora. Isso nos leva a considerar uma geografia das masculinidades dividida entre o Cone Norte e o Cone Sul (Connell; Messerschmidt, 2013).

Fernandes (2011) também contribui para as reflexões sobre masculinidade ao abordar a “feminilização dos homens”, na qual são impostas e esperadas posturas tidas como femininas (como expressar emoções e cuidar dos filhos) ao mesmo tempo em que os homens são instados a permanecer comprometidos com a virilidade, ou seja, “continuar sendo homens”.

Haroche (2013) introduziu o conceito de masculinidade viril, destacando que, dentro desse modelo de gênero, tanto o exercício do poder quanto a preocupação com a potência são relevantes. De acordo com o antropólogo Lucas Moreira (2021), para manter a autoridade simbólica, física e moral do homem viril, existe um temor subjacente de impotência que é transmutado em força e domínio. Diante da angústia de perder a virilidade e de vê-la ameaçada, os homens podem se tornar agressivos, violentos, brutais e, em casos extremos, recorrer ao homicídio para defendê-la.

Os defensores da masculinidade tradicional há muito identificam em Jair Bolsonaro uma personificação de seus anseios (Lima e Silva, 2023). Ele é percebido como um arquétipo de “macho viril”, que confronta as mulheres de forma agressiva nos domínios do poder, dissemina piadas misóginas e se justifica sob o

pretexto da liberdade de expressão. É possível perceber que Bolsonaro aumentou sua visibilidade ao promover o porte de armas, flexibilizando as legislações e estimulando sua utilização, frequentemente fazendo gestos de “arminha” com as mãos e até mesmo instruindo crianças a imitá-lo. A arma e a virilidade são elementos cruciais na construção da masculinidade desse homem heterossexual e cisgênero (Lima e Silva, 2023).

## EXTREMA-DIREITA, GÊNERO E SEXUALIDADE

A extrema-direita não surge de maneira isolada e desvinculada de seu contexto; ao contrário, ela encontra no neoconservadorismo<sup>6</sup> uma oportunidade significativa para fundamentar suas bases ideológicas, incluindo a misoginia como um de seus elementos fundamentais. O neoconservadorismo contemporâneo se fundamenta na regulação do desejo, associado à defesa dos valores tradicionais da família e aos princípios religiosos da direita cristã (Brown, 2006). Originado nos Estados Unidos durante a década de 1970, o neoconservadorismo emergiu como uma resposta aos movimentos feministas e de direitos LGBTQ+ no país (Lacerda, 2019).

Os argumentos empregados pelo neoconservadorismo são de natureza moral, com o propósito de restaurar a autoridade patriarcal. Lacerda identificou a presença do neoconservadorismo no Brasil a partir de 2005, embora sua influência política direta seja observada a partir de 2008 (Lacerda, 2019). Nesse período, houve um aumento substancial nas medidas contrárias à legalização do aborto e na adoção de uma legislação mais rigorosa em relação a essa prática, bem como um incremento nas iniciativas de combate às demandas LGBTQ+ e de gênero. Especificamente, iniciativas mais severas contra o aborto foram observadas em 2011, enquanto o ativismo contra as agendas LGBTQ+ ganhou impulso a partir de 2014 (Lacerda, 2019).

A autora também observa que as disputas em torno das pautas feministas, da chamada “ideologia de gênero” e da população LGBTQ+ persistem. Não coincidentemente, em 2014, a então presidente Dilma Rousseff venceu uma eleição marcada por memes na internet contra sua imagem, além de enfrentar uma série de ataques misóginos, culminando em seu *impeachment* posteriormente (Lacerda, 2019). Brown (2019) argumenta que as forças da extrema-direita ascenderam ao poder em várias democracias liberais, impulsionadas por sentimentos racistas, homofóbicos, sexistas, entre outros, adquirindo apoio político e legitimidade.

---

6 Entende-se neoconservadorismo como uma reelaboração do conservadorismo, ou seja, um conjunto de arranjos ideológicos como o nacionalismo, no que tange a ameaça de inimigos internos e externos e ao conservadorismo moral (Hall, 1988) relativos à “família, à sexualidade e à reprodução e aos valores cristãos” (Lacerda, 2019, p. 29).

Com a vitória de Jair Bolsonaro em 2018, o Brasil se tornou um exemplo desse fenômeno. Ao examinar o cenário político atual, Brown (2019, p. 118) destaca “o papel da moralidade tradicional – tanto protegendo quanto emanando da família – dentro da lógica neoliberal”.

Segundo Santos (2020), as temáticas de gênero e sexualidade desempenharam um papel central nas eleições brasileiras de 2018. Durante esse processo eleitoral, as notícias falsas foram amplamente disseminadas, muitas delas relacionadas às referidas questões (Santos, 2020). Tardáguila e Marés (2018) destacam que uma das notícias falsas mais difundidas no primeiro turno das eleições de 2018 foi a afirmação de que o deputado federal Jean Wyllys (PSOL/RJ) seria indicado como ministro da Educação caso Haddad vencesse as eleições (Tardáguila; Marés, 2018). É relevante mencionar que Jean Wyllys, homossexual e notório defensor das causas LGBT+, protagonizou diversos embates com Jair Bolsonaro enquanto ambos exerciam seus mandatos na Câmara dos Deputados.

Não é coincidência que as questões de gênero e sexualidade tenham sido destaque em algumas das principais notícias falsas disseminadas durante a campanha de 2018, uma vez que a trajetória política de Bolsonaro está intimamente associada à mobilização desses temas (Santos, 2020, p. 68).

Silva *et al.* (2014) conduziram uma análise sobre grupos de extrema-direita no Brasil, identificando características comuns entre eles: defesa da ordem familiar patriarcal, oposição à homossexualidade e combate à esquerda. Os autores observaram que blogs e páginas pessoais dos adeptos do masculinismo na extrema-direita se baseiam em uma filosofia que fornece a estrutura ideológica para esse campo. Nesses grupos, indivíduos pertencentes a grupos marginalizados, como pobres, negros, mulheres e homossexuais, são alvo de ataques, estigmatização e caricaturizados em suas publicações diárias ou editoriais “jornalísticos” (Silva *et al.*, 2014).

Pode-se entender a misoginia como o alicerce do masculinismo; sendo esse grupo aliado a extrema-direita, que se sente confortável em assumir seu caráter misógino. Essa construção resulta em uma tensão entre a masculinidade tradicional e uma masculinidade mais inclusiva, gerando uma constante insegurança entre os homens, o que pode culminar em autodepreciação ou violência contra indivíduos LGBT+ e mulheres. A violência, conforme destacado por Bourdieu (2014), torna-se uma expressão marcante do *habitus* dominante da masculini-

dade, caracterizado pela instrumentalização da força física, da potência sexual, da misoginia e da dominação sobre as mulheres e as pessoas LGBT+.

### PENETRANDO NA “ESGOTOESFERA”

Os grupos masculinistas atuam por meio das redes sociais, chans, blogs e grupos no Telegram, constituindo o que se denomina “manosphere” ou “manosfera”. É relevante observar que esses grupos não configuram um movimento institucionalizado, apresentando grande heterogeneidade e tendo como característica central, a atuação quase que exclusiva na internet.

De maneira geral, a manosfera se divide em facções de masculinidades conservadoras, conhecidas como “alpha”, e masculinidades nerds, denominadas “betas”. Conforme Vilaça e d’Andrea (2021, p. 429), “as masculinidades conservadoras ou alpha parecem ser formadas pelos *Men’s Rights Activists* (MRAs) e *Pickup Artists* (PUAs ou artistas da sedução), que usam o “*game*” para conquistar e subjugar suas parceiras sexuais”. Por outro lado, as masculinidades nerds ou betas estão associadas a grupos mais explicitamente misóginos, como o movimento masculinista americano MGTOW (*Men Going Their Own Way*), que se aproxima de um movimento “separatista”, ao rejeitar qualquer tipo de relação com mulheres que não seja sexual, e que defende uma greve masculina contra o casamento (“*marriage strike*”). Esses grupos não se confundem com os “*incels*” (celibatários involuntários), que culpam as mulheres pela falta de relações sexuais (Vilaça e d’Andrea, 2021).

*Reddit*, *4chan* e *8chan* são os espaços virtuais mais utilizados pelos grupos masculinistas e os mais característicos da manosfera, segundo Lilly (2016). Lilly (2016) ainda observa que o movimento é predominantemente composto por homens brancos das classes média e alta, mas é possível encontrar também homens de classes sociais mais baixas. Em nossa pesquisa encontramos vários blogs de finanças ligados à manosfera, que defendem a independência financeira como objetivo central de vida para um jovem homem beta “redpillado”, como exemplificado pelo blog “Pobretão de Vida Ruim”, um dos blogs analisados.

É muito comum, como afirma Lilly (2016), os usuários da manosfera utilizarem o termo “tomar a pílula vermelha” (*redpill*), expressão está baseada no filme de ficção científica *Matrix*, onde o herói deve escolher entre engolir uma pílula azul, o que lhe permitiria permanecer em um agradável ilusório mundo, ou uma pílula vermelha, que abriria seus olhos para a realidade em que ele está escravizado. Para a manosfera ser “redpillado” é despertar para a “misandria, o suposto “racismo reverso”, a “lavagem cerebral” dos feminismos e a dominação da “extrema esquerda” (Strick, 2020).

O uso de termos como “*redpill*” e “*matrix*” foi um dos critérios, entre outros, utilizados para identificamos os blogs masculinistas para a nossa pesquisa. Muitos foram localizados a partir de sua própria autoidentificação, quando se assumiam masculinistas ou a partir das narrativas, vocabulário e do nível de misoginia presente em seus textos, embora muitos tenham sido retirados do ar, seja por mandado judicial, seja propositalmente para não serem reconhecidos.

A partir dessas descobertas iniciais, fizemos buscas por outros blogs a partir de links disponíveis nos próprios blogs que íamos identificando ou de outros relacionados a esses. É importante ressaltar que não encontramos mais blogs com conteúdo tão explícitos sobre masculinismo como antes das eleições de 2018, pois muitos blogs foram retirados do ar pela justiça ou estão desatualizados. Vários blogs saíram do ar após a ocorrência de alguns crimes cometidos por homens que se identificavam com o masculinismo.

Durante a pesquisa de campo, os seguintes blogs foram localizados e analisados:

- VIDA RUIM DE POBRE<sup>7</sup>: encerrado no dia 7 de setembro de 2016 com uma extensa carta explicando os motivos. Neste blog, o discurso girava em torno de como se tornar independente financeiramente para conquistar mulheres sem se envolver emocionalmente com elas, pois as mulheres seriam interesseiras e, por isso, mereciam sofrer e serem usadas sexualmente. Em suas postagens, utilizava termos como “merdalheres” e “diabolheres” relacionando mulheres a excremento e ao mal. Apresentava-se como de direita, pró-Bolsonaro e antipetista, além de xenofóbico e misógino;
- DETONANDO A MATRIX<sup>8</sup>: blog que usava de termos como *redpill* e *matrix*, não atualiza mais suas publicações, mas sem avisos de suspensão de posts.
- QUEBRANDO OS MITOS<sup>9</sup>: é um blog que não encerrou suas postagens, embora a última atualização tenha sido em 6 de novembro de 2021. Apesar de não estar explícito, aparenta se identificar com o grupo masculinista MGTOW (Men Going Their Own Way), utilizando de termos como “*marriage strike*”, por exemplo.

---

7 Ver em <http://www.vidaruiempobre.com/index-2.html> (acesso em 22/03/2022).

8 Ver em <https://detonandoamatrix.wordpress.com/> (acesso em 22/03/2022).

9 Ver em <https://quebrandoosmitos.blogspot.com/2013/04/a-obsessao-da-lola-pelos-guerreiros-da.html> (acesso em 22/03/2022).

Outra forma de identificar grupos masculinistas foi por meio dos grupos em aplicativos de mensagens. Diante da dificuldade de inserção em grupos de WhatsApp, já que não existe a possibilidade de pesquisar palavras-chave e identificá-los, como é possível no Telegram, foi neste que conseguimos identificar grupos e mensagens de cunho masculinista.

No Telegram, para localizar os grupos masculinistas, utilizou-se palavras como “mascus”, “masculinistas”, “masculinismo”, “incel”, “incels”, “redpill”, “PUAs”, “PUA”, “MGTOW” e as traduções desses grupos para o português. Sobre os assuntos buscados nos grupos e canais, foram analisadas todas as mensagens desses grupos, que variam entre política e ódio às mulheres de modo geral a partir do que é chamado por eles de “humor”. Cabe ressaltar que também houve dificuldades em localizar grupos em aplicativos de mensagens, já que muitos também foram retirados do ar pelo Poder Judiciário. Foram analisados os seguintes grupos entre setembro e novembro de 2021:

**Quadro 1.** Grupos do Telegram utilizados na análise

Grupo MGTOW Club	580 membros
Masculinismo	69 membros
Redpill Brasil	3.800 membros

Fonte: Elaboração própria.

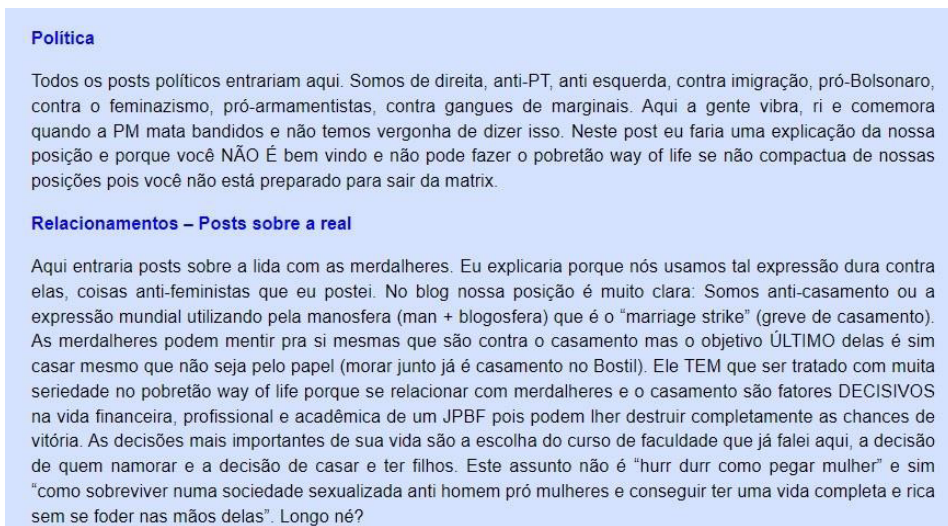
## MASCULINISMO, MISOGINIA E A EXTREMA-DIREITA

Ao longo da pesquisa foi possível perceber que a misoginia é o combustível do masculinismo, ainda que exista uma grande diversidade entre os grupos masculinistas, a misoginia é traço unificador do movimento. Podemos evidenciar essa afirmação quando nos deparamos com diversos exemplos extraídos do blog “Vida Ruim de Pobre”<sup>10</sup>, por exemplo, um blog que discute questões relacionadas ao mercado financeiro focado no “pobre trabalhador” que quer ser milionário para, dentre vários desejos, conquistar as mulheres que quiser, usá-las como seres abjetos, sujeitá-las a violências com a justificativa de que todas são aproveitadoras e merecem esse destino.

No texto de apresentação do blog, já nos deparamos com o uso de termos como “merdalheres” ou “diabolheres” como sinônimos de mulheres em geral, denotando a profunda misoginia, e uma certa infantilidade que caracteriza as postagens feitas

10 Ver em <http://www.vidaruimdepobre.com/index-2.html> (acesso em 22/03/2022).

nesse blog, assim com as reações dos seus seguidores nos comentários. Para além da misoginia, podemos observar nessa declaração inicial, a declaração de posição anti-esquerda e pró-Bolsonaro como a posição política explicitamente defendida pelo blog. A explicitação dessas posições políticas evidencia como estão intrinsecamente ligadas a esse movimento, a misoginia e a extrema-direita.

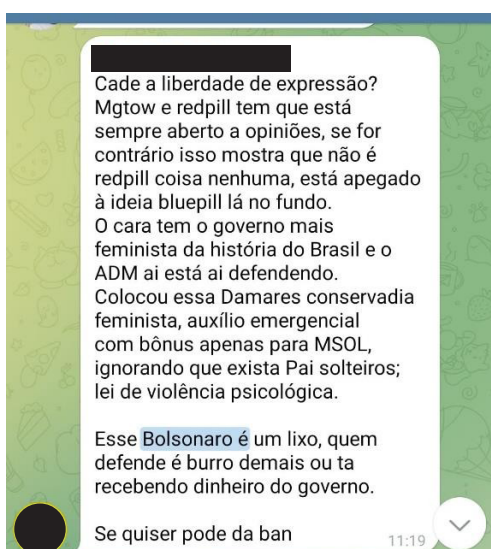


**Figura 1.** Captura de tela de postagem de blog masculinista 2. Fonte: Pobretão, 2016d.

Na apresentação, podemos observar ainda o autor do blog faz menção a estar preparado para sair da “matrix”, e usa os termos “*redpill*” e “greve de casamento” propagada pelos “MGTOW” (Men Going Their Own Way), indicando a circulação desses termos entre os diferentes grupos masculinistas. O uso da palavra “merdalheres”, associando mulheres a excremento, por exemplo, está longe de ser exclusivo desse blog. Expressões como essa também foram encontradas em outros blogs e em grupos de Telegram como no **MGTOW Club**. O ódio contra as mulheres é generalizado, não poupam nem a própria mãe, como pode ser observado nesse trecho de uma postagem no blog do “Pobretão”:

Não quero ser que nem meu pai. Casar com uma feia, ridícula, burra, trabalhar a vida inteira com salário lixo, cagar 4 filhos que nem um retardado, dar o azar de ter três mulheres dos quatro, ou seja, se foder no legado italiano que será perdido para bostileiros nativos, só ter um carro caindo aos pedaços e um apartamento na Mooca desvalorizado, esperando a aposentadoria, vivendo aos sábados e domingos vendo Faustão e ouvindo músicas da década de 60 tomando cerveja quieto e jogando bola nas quartas com seus amigos barrigudos fracassados do trabalho. COM CERTEZA eu abomino a vida do meu pai. (POBRETÃO, 2016a).

O pensamento e prática masculinistas são capazes de romper com a lógica familista tradicional brasileira, em que as mães são seres sagrados, intocáveis, assexuados e o único amor indiscutível na vida de uma pessoa, e nunca objeto de vilipêndio ou mesmo de críticas. Todavia, para os masculinistas esse limite não existe, no que diferem significativamente dos conservadores tradicionais que defendem o casamento e a família como valores absolutos, dentro dos padrões tradicionais de gênero, obviamente. Os masculinistas inclusive, apresentam a mesma postura misógina em relação às mulheres conservadoras: foi possível observar um descontentamento com o governo Bolsonaro devido à composição feminina de seu governo, as chamadas “conservadias”, como podemos observar nos comentários postados a seguir:



**Figura 2.** Trecho de conversa do grupo Masculinismo. Fonte: Captura de tela do grupo Masculinismo (2022).

Embora a ex-ministra Damares Alves não se identifique de nenhuma forma com o feminismo, nem apoie qualquer ideal ou proposta dos movimentos feministas — sendo declaradamente conservadora e atuando dessa maneira —, ela era frequentemente atacada pelos masculinistas simplesmente por ser mulher, tornando-se assim objeto de ódio. Essa atitude indica que a misoginia desses grupos não está vinculada a uma postura política específica ou à atuação dessas mulheres; eles não são contrários apenas às mulheres de esquerda ou feministas. Eles odeiam as mulheres simplesmente por serem mulheres. Apesar de apoiarem Bolsonaro enquanto presidente, qualquer apoio a causas minimamente benéficas às mulheres era alvo de críticas por parte deles, como podemos observar nas imagens abaixo.



**Figura 3.** Trecho de conversa do grupo *MGTOW Club*. Fonte: captura de tela do grupo MGTOW Club (2022).



**Figura 4.** Trecho de conversa do grupo *Masculinismo*. Fonte: captura de tela do grupo Masculinismo (2021).

A mensagem acima – “quanto falta para proibirem os homens de existirem?” –, em resposta a uma notícia sobre o combate à violência digital contra as mulheres, sugere a ideia de que o avanço dos direitos das mulheres implica a supressão dos direitos dos homens. É possível perceber a naturalização da violência, pois, para esses indivíduos, os mecanismos de fortalecimento da proteção das mulheres são vistos como exageros. Ou seja, quanto mais os direitos das mulheres progridem, mais injustiçados os masculinistas se sentem.

O blog “Vida Ruim de Pobre”, conforme observado, expressa suas indignações na frustração financeira. A lógica do homem provedor, em que a masculinidade tóxica exige que ele também seja o dominador, entra em conflito quando esses homens não são ricos. Para este masculinista, conforme suas postagens, ser um “verdadeiro homem” é ter dinheiro em abundância, recurso para exercer poder e dominar as mulheres, obter visibilidade e ser respeitado por sua ascensão financeira. Além disso, ele advoga que nunca se casar ou se apaixonar é essencial, pois isso levaria à falência. Por isso, ele frequentemente se dirige aos Jovens Pobres Beta Feios (JPBF), com o objetivo de atraí-los e incitar ódio às mulheres.

No contexto da hegemonia, homens beneficiados pelo patriarcado, que demonstram seu poder, mesmo que não adotem uma versão forte de dominação masculina, são considerados parte da masculinidade hegemônica. Portanto, “[...] a sobreposição entre masculinidades também pode ser vista em termos dos agentes sociais construindo masculinidades” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 253).

O referido blog possui uma linguagem acessível e uma grande capacidade de convencimento sobre os supostos males do mundo, argumentando que as mulheres são responsáveis por levar os homens à pobreza. A solução proposta pelo blog é que os homens se vinguem enganando as mulheres, expondo-as intimamente e incentivando outros homens a cometerem diversos tipos de violência de gênero, além de buscarem o enriquecimento.

Embora esse blog tenha cessado suas publicações há sete anos, continua relevante observar certos traços característicos do movimento masculinista, que se repetem nesse blog e nos outros blogs e grupos do Telegram analisados. Esses indivíduos identificam-se com ideologias de extrema-direita e neoconservadoras, caracterizam-se por uma misoginia exacerbada, repudiam fervorosamente ideologias de esquerda e nutrem um ódio desmedido contra as mulheres. Alguns masculinistas chegam ao extremo de não admitirem qualquer tipo de relação com mulheres. Para eles, homens que mantêm algum tipo de interação com mulheres ou que se opõem aos princípios do movimento masculinista são rotulados pejorativa-

mente como “escravocetas”. Este termo desdenhoso se soma à lista de designações misóginas criadas pelos adeptos do movimento.

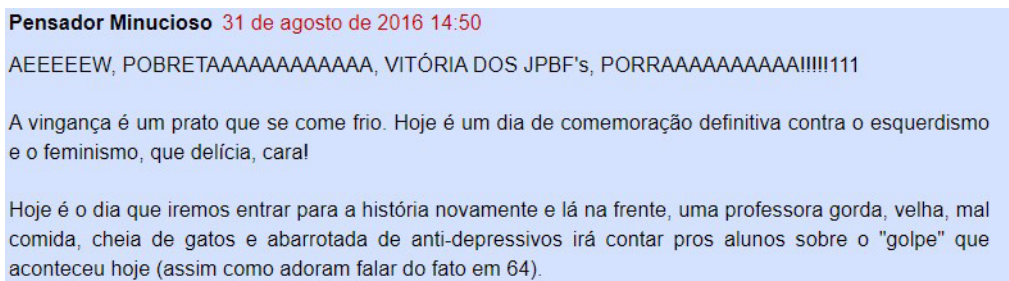
Em uma publicação datada de 31 de agosto de 2016, o autor do blog “Vida Ruim de Pobre” é possível observar a hostilidade também em relação aos homens que se relacionam com mulheres. O autor relata um caso no qual um homem conquistava mulheres e, posteriormente, aplicava golpes financeiros nelas. No entanto, o autor critica esse indivíduo por ter engravidado algumas mulheres, rotulando-o de “pegador alfa psicopata” (Pobretão, 2016c). De acordo com a perspectiva desse masculinista, ele se opõe aos homens que se autodenominam “pegadores”. Para ele, as mulheres são atraídas precisamente por homens desse tipo, rejeitando aqueles que não conseguem estabelecer qualquer forma de relação com elas, devido à sua percepção de serem ignorados.

Essa passagem evidencia outra faceta dos masculinistas: aqueles que se revoltam não apenas contra as mulheres rotuladas como interesseiras, que supostamente prejudicam os direitos dos homens, mas também contra os homens que são vistos esteticamente dentro do padrão social ou que possuem uma boa aceitação entre as mulheres. Relembrando as observações anteriores, nem todos os homens se beneficiam igualmente dos privilégios patriarcais, uma vez que a existência de masculinidades subalternas é parte crucial de um modelo plural de masculinidade em múltiplas relações de poder (Magalhães, 2018).

Ainda no blog “Vida Ruim de Pobre”, na mesma postagem datada de 31 de agosto de 2016, o autor compartilha a narrativa de um homem que instalou serviço de internet na residência de uma jovem de alta classe social, comumente referida como “patricinha”, e desenvolveu sentimentos românticos por ela, declarando-se e se envolvendo emocionalmente. O autor do blog criticou homens que expressam sentimentos, respondendo com ironia: “Eu ri muito com essas mensagens... A desilusão do rapaz em questão chega a dar dó” (Pobretão, 2016c). O “pobreta”, apelido dado por seus seguidores, finalizou sua crítica afirmando: “Entenda, morador da periferia, as mulheres diabolheres não o acham atraente, e você não possui nenhum tipo de ‘pegada’ a mais que um jovem pobre beta e feio. Agora vá votar no PT e intimidar homens honrados, pois é nisso que você é bom, não é mesmo, mano?” (Pobretão, 2016c).

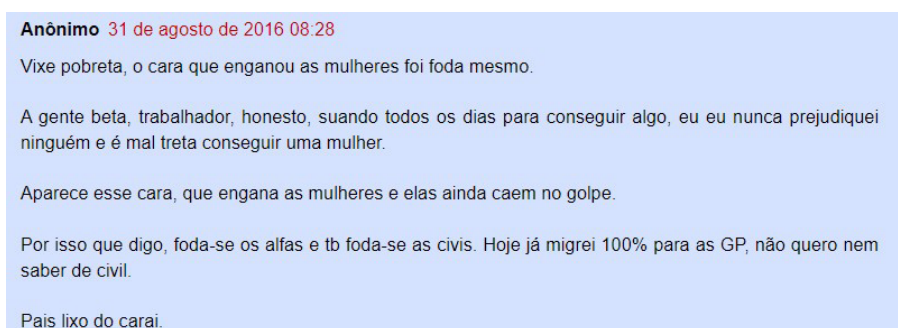
O entendimento desse masculinista, autor do blog, é de que os homens pobres (referidos como JPBF) são os mais injustiçados pela sociedade, mas também são aqueles que se permitem ser enganados pelas mulheres, apaixonando-se e tornando-se alvos da esquerda política do país, especialmente o PT. Isso pode

ser corroborado pelos comentários de seus leitores, como exemplificado quando celebraram o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff.



**Figura 5.** Captura de tela de postagem de blog masculinista. Fonte: Pobretão, 2016c.

Outro comentário diz respeito ao caso relatado pelo autor do blog sobre um homem que aplicava golpes:



**Figura 6.** Captura de tela de postagem de blog. Fonte: Pobretão, 2016c.

Esses comentários demonstram o que compreendemos sobre o pensamento do autor e de seus seguidores, a frustração de homens que não são ricos e se veem decepcionados por não ascenderem socialmente, culpando também os homens que chamam de “machos alfa” por seu fracasso. Por isso, recorrem a garotas de programa (GP) para terem relações sexuais. Sobre os homens cafajestes, os “machos alfa” que se relacionam com várias mulheres, são vistos como inimigos por alguns masculinistas. Isso se deve ao fato de que homens ditos cafajestes sempre teriam mulheres por perto, o que incomodaria os masculinistas, pois odeiam mulheres por diversos motivos, dentre eles, por se sentirem rejeitados. A exemplo disso, encontramos no blog “Detonando a Matrix”<sup>11</sup>, numa postagem do dia 5 de janeiro de 2012, sobre a importância de sair da Matrix e conhecer a realidade:

11 Ver em <https://detonandoamatrix.wordpress.com/> (acesso em 12/01/2022).

O homem que não conhece a natureza da mulher não consegue perceber que a vida toda foi manipulada, roubado e muitas vezes humilhado, mas a verdade é que a ignorância diminui o sofrimento daqueles que tem uma mente fraca e torna a vida desses homens mais suportável. Somente pequena parte dos homens são realmente capazes de compreender exatamente como as coisas funcionam e não me refiro apenas a estudar a mente feminina porque que sair da matrix é muito mais que isso. Para mudar a sua vida você precisa mudar quase todos os seus conceitos sobre o mundo e principalmente aquilo que você acredita sobre as mulheres. Não vai precisar se transformar em um monge, mas necessariamente vai precisar mudar algumas coisas em sua vida (Empalador, 2012a).

Esse trecho nos remete ao que discutimos sobre um homem estar “redpillado”, ou seja, teria conhecido a realidade, compreendido o mal que as mulheres fazem e, por isso, deveriam se opor às suas inimigas, as inimigas dos direitos dos homens. Outras formas de tratamento contra as mulheres são apresentadas em outro blog:



**Figura 7.** Captura de tela de postagem de blog masculinista. Fonte: Keumaster (2012).

Tratar as mulheres como maléficas e diabólicas parece ser uma estratégia que utiliza alusões divinas para reforçar dicotomias entre o bem e o mal. Nesse contexto, o bem é sempre representado pelos homens, percebidos como vítimas dos “ataques” feministas contra os direitos masculinos; enquanto o mal, o inferior, é representado pelas feministas, descritas como mulheres oportunistas que pretendem levar os homens à derrota e humilhação. Para os masculinistas, essas mulheres precisam ser derrotadas, como em uma guerra quase apocalíptica. A guerra declarada contra as mulheres faz parte da narrativa para evitar que os homens sejam igualados a

elas: “[...] o feminino se torna até o polo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal” (Welzer-Lang, 2001, p. 465). Em outras palavras, em nenhuma hipótese um homem deve ser comparado a uma mulher, mesmo nos menores detalhes, pois a inferiorização da mulher é parte integrante do projeto masculinista, assim como a violência como meio de subalternização.

Ao analisar a misoginia e o masculinismo nos discursos desses grupos e blogs, é explícita a admiração e a identificação com a figura de Jair Messias Bolsonaro. A admiração e o apoio dos masculinistas ao Bolsonaro é anterior a 2018, sendo possível observar como os masculinistas sentiram fortalecidos após eleição de Jair Bolsonaro, dada a percepção de que Bolsonaro legitimaria as ideias masculinistas, mesmo sem mencioná-las diretamente.

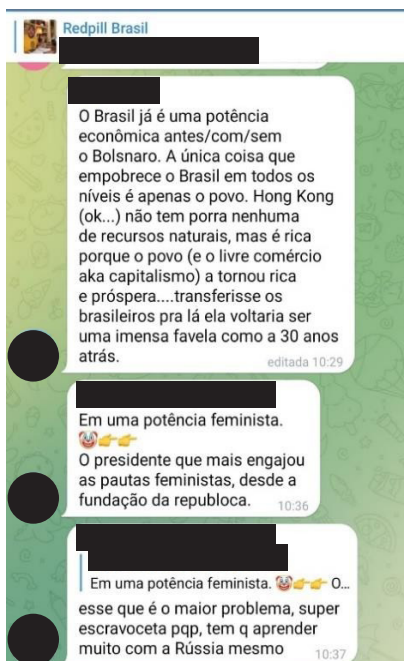


**Figura 8.** Cartazes masculinistas colados na UFRGS. Fonte: Arquivo de Lola Aronovich (2016).

Essas imagens acima exemplificam muito claramente a interseção entre a misoginia e a direita que foi encontrada pela pesquisa. O slogan “Menos empoderamento, mais empauduramento” associa a ofensiva contra os direitos das mulheres e a “ameaça” que os movimentos feministas representam para os masculinistas, com a postura anti-esquerda, ao colocar a imagem da estrela vermelha sendo violada por um pênis, símbolo político associado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Imagens que ilustram bem essa visão da extrema-direita como a única posição política possível dos “homens viris” que irão dominar metaforicamente ou não, as mulheres e as esquerdas com o poder do falo.

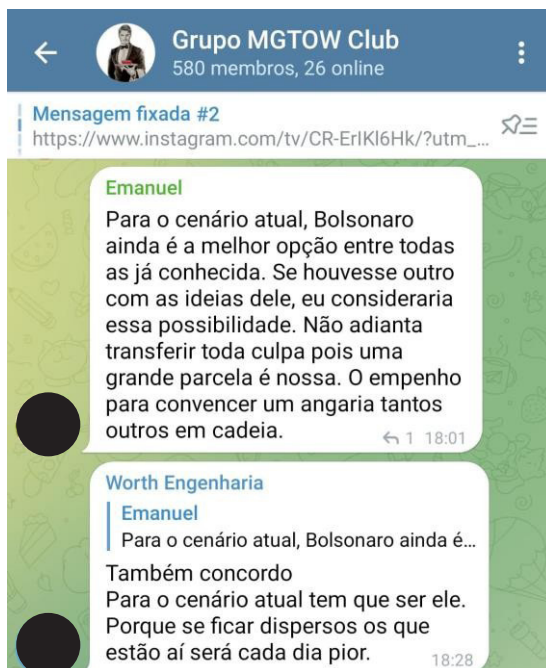
A despeito do apoio declarado da grande maioria dos masculinistas a eleição e a reeleição de Jair Bolsonaro, é importante ressaltar que, como já foi mencionado

anteriormente, que essa relação não significa uma aprovação irrestrita ao governo Bolsonaro. Membros de diferentes grupos expressaram seu descontentamento com atuação de Bolsonaro na presidência, classificando-o como um “governo feminista” e chamando-o de “escravoceta”. A posição dos masculinistas é tão radical que a despeito do governo Bolsonaro ter promovido o desmonte de diversas políticas voltadas para as mulheres, para muitos deles, isso não foi suficiente. Para os masculinistas, seria necessário extinguir todos os direitos das mulheres.



**Figura 9.** Trecho de conversa em grupo masculinistas Redpill Brasil. Fonte: captura de tela do grupo Redpill Brasil (2022).

Contudo, a maior parte dos masculinistas continuavam a defender que Bolsonaro seria o melhor nome para a Presidência da República no pleito de 2022, sendo considerado a única opção de candidato, com propostas próximas aos ideais masculinistas como explicitam esses comentários encontrados no grupo MGTOW:



**Figura 10.** Trecho de conversa em grupo masculinista MGTOW Club. Fonte: captura de tela do grupo MGTOW Club (2022).

Ou seja, apesar das indignações por Bolsonaro não ter seguido o pensamento masculinista para administrar o país (embora não tenha havido indicação alguma de que ele atuaria nesse sentido), os masculinistas ainda entendiam que a melhor solução seria permanecer com essa *persona* no poder.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grupos identificados no aplicativo Telegram, foco da investigação, foram examinados durante o período da campanha eleitoral com o objetivo de ampliar o escopo dos dados disponíveis. No entanto, constatou-se que esses grupos específicos não desencadearam uma campanha explícita em apoio ao candidato Bolsonaro ou a qualquer outro candidato. As discussões e mensagens compartilhadas nesses grupos concentraram-se em tópicos como estratégias para a obtenção de renda e questionamentos acerca de casos de violência contra mulheres. Suspeita-se que os adeptos do masculinismo presentes nesses grupos possam ter buscado outras formas de organização, possivelmente em ambientes de acesso mais restrito, ou que tenham se integrado a outros partidários de Bolsonaro em grupos específicos durante o período eleitoral.

A possibilidade de disseminação de desinformação, a propagação de ideologias radicalizadas e a execução de atos violentos foram potencializadas, e a presença ou ausência de um líder com inclinações masculinistas na presidência não demonstrou

ser suficiente para conter o fortalecimento dessas ações. Ainda sobre a influência desses grupos, no que se refere à propagação de discursos misóginos, não é possível afirmar que os homens inseridos nesses espaços geraram impactos visíveis no contexto analisado ou nos movimentos feministas. Contudo, observa-se que os discursos misóginos, racistas e lgbtfóbicos abordados por eles coincidem com o que presenciamos não apenas no contexto analisado, mas também em momentos posteriores em que esses grupos ainda estão presentes. Nota-se que discursos misóginos têm ganhado espaço tanto na política quanto na sociedade como um todo, de forma semelhante ao que foi analisado neste trabalho.

A análise dos materiais fornecidos pela Profa. Lola Aronovich e dos grupos de Telegram apresenta contradições, visto que, apesar de se perceber uma interconexão entre o movimento masculinista e o bolsonarismo, resultando em abordagens hostis em relação a questões de gênero, raça e sexualidade, alguns homens nos grupos demonstram insatisfação com as ações do então presidente. O grau de radicalização de alguns homens é tão grave que não admitiriam nenhuma mulher na estrutura do governo federal. Tal fenômeno não deve ser interpretado como uma manifestação patológica, pois isso poderia mitigar a seriedade de suas ações criminosas. Pelo contrário, é uma abordagem destinada a compreender a trajetória de radicalização e, ao fazê-lo, considerar estratégias para reverter o avanço do radicalismo. Entre essas estratégias, destaca-se o investimento significativo em uma educação de qualidade, que promova a emancipação e esteja comprometida com os princípios libertários e antifascistas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de (1995). *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. BestBolso: Rio de Janeiro, 2014
- BROWN, Wendy (2006). American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism and De-Democratization. *Political Theory*, v. 34, n. 6, p. 690-714. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0090591706293016> (acesso em: 22/03/2024).
- BROWN, Wendy (2019). *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politéia.
- CONNELL, Raewyn. *Decolonizing Sociology*. *Contemporary Sociology*, V. 47, N. 4, P. 399-407, 2018.
- CONNEL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Rev. Estud. Fem.* Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

- CONNEL, Robert W. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 185-206. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725/40671> (acesso em: 22/03/2024).
- CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282. <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC> (acesso em: 22/03/2024).
- EMPALADOR (2012a). A ignorância é uma benção...? In: *Blog Detonando a Matrix*. <https://detonandoamatrix.wordpress.com/2012/01/05/a-ignorancia-euma-bencao/> (acesso em 12/01/2023).
- EMPALADOR (2012b). As diferenças fisiológicas entre homens e mulheres parte 2. In: *Blog Detonando a Matrix*. <https://detonandoamatrix.wordpress.com/2012/01/25/as-diferenc%cc%a7asfisiolo%cc%81gicas-entre-homens-e-mulheres-parte-2/> (acesso em 13/01/2023).
- FERNANDES, Luís Antonio Bitante (2011). Da masculinidade. *Revista Epistheme*, v. 1, n. 1, p. 101-122.
- HALL, Stuart. (1988). *The hard road to renewal: Thatcherism and the crisis of the left*. London: Verso
- HAROCHE, Claudine (2013). “Antropologias da virilidade: o medo da impotência”. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). *História da Virilidade*. Petrópolis-RJ: Vozes, p. 15-34.
- KEUMASTER (2012). Introdução! In: *Blog Mulheres verdade oculta*. <https://keumaster.blogspot.com/2012/04/introducao.html> (acesso em 13/01/2023).
- KNOTH, Pedro. *WhatsApp planeja limitar ainda mais as mensagens encaminhadas*. Terra. 9 mar. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/whatsapp-planejalimitar-ainda-mais-as-mensagensencaminhadas,915fd33500456a75df93e4687c783182qnlldzgzk3.html>. Acesso em: 23 dez. 2022.
- LACERDA, Marina Basso (2019). *O Novo Conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro*. Porto Alegre: Zouk.
- LILLY, Mary. ‘The World is Not a Safe Place for Men’: The Representational Politics of the Manosphere. 2016. 194 f. Thesis (MA in Political Science) Faculty of Social Sciences, University of Ottawa, Ottawa, 2016. Disponível em: [https://ruor.uottawa.ca/bitstream/10393/35055/1/Lilly\\_Mary\\_2016\\_thesis.pdf](https://ruor.uottawa.ca/bitstream/10393/35055/1/Lilly_Mary_2016_thesis.pdf). Acesso em: 13 fev. 2023.
- LIMA E SILVA, Bruna Camilo de Souza (2023). *Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil*. Tese (Doutorado). Belo Horizonte, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

- ENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, [On-line], v. 80, p. 5-10, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/689>. Acesso em: 25 fev. 2023.
- MOREIRA, Lucas (2021). Masculinidade genealógica e o “viking” do Capitólio: reflexões sobre virilidade e política. *Novos Debates*, v. 7, n. 1, p. 1-12. <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/181/98> (acesso em: 22/03/2024).
- OYÈRÓNKÈ, Oyewùmí (2021). *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- PATEMAN, Carole (2020). *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana (2019). *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Planeta do Brasil.
- POBRETÃO de Vida Ruim (2016a). Você quer ser igual ao seu pai? In: Pobretão de Vida Ruim. *Vida Ruim de Pobre*. <http://www.197eolruimdepobre.com/2016/08/voce-quer-ser-igual-ao-seu-pai.html> (acesso em 11/01/2023).
- POBRETÃO de Vida Ruim (2016b). Fechamento definitivo do blog. In: Pobretão de Vida Ruim. *Vida Ruim de Pobre*. <http://www.vidaruimdepobre.com/2016/09/fechamento-definitivo-do-blog.html> (acesso em 11/01/2023).
- POBRETÃO de Vida Ruim (2016c). Curtinhas do Pobretão #25. In: Pobretão de Vida Ruim. *Vida Ruim de Pobre*. <http://www.vidaruimdepobre.com/2016/08/curtinhas-do-pobretao-25.html> (acesso em 11/01/2023).
- POBRETÃO de Vida Ruim (2016d). Esboço de projeto de desenvolvimento pessoal e financeiros para pobres. In: Pobretão de Vida Ruim. *Vida Ruim de Pobre*. <https://www.vidaruimdepobre.com/2016/05/esboco-de-projeto-de-desenvolvimento.html> (acesso em 11/01/2023).
- QUIJANO, Anibal (1992). Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, v. 13, n. 29, p. 11-20.
- SANTOS, Allan Carlos dos (2019). *Os “Memes do MBL” e a vinculação de públicos afetivos em rede durante o impeachment de Dilma Rousseff*. Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro: Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SANTOS, Rayani Mariano (2020). A mobilização de questões de gênero e sexualidade e o fortalecimento da direita no Brasil. *Agenda Política*, v. 8, n. 1, p. 50-77. <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/308/265> (acesso em: 22/03/2024).
- SILVA, Adriana Brito *et al* (2014). A extrema-direita na atualidade. *Serviço Social & Sociedade*, n. 119, p. 407-445. <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/nTk6JtjrXGqcpGVcr8Rj4Wx/abstract/?lang=pt> (acesso em 03/02/2023).

- SILVA JÚNIOR, Enilson Ferreira da; SALES, Wisla Barbosa da Silva; LEITE, Iris Marly Bezerra (2021). Colonialidade de poder, de saber e de ser: o empreendimento colonial na demarcação das masculinidades do Cone Sul. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 6, p. 61563-61567. <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/31709> (acesso em 05/12/2023).
- STIPP, Luna; MACHADO, Edinilson Donizete; MADRID, Fernanda de Matos Lima (2020). Os direitos humanos das mulheres: sua ameaça na era da pós-verdade e fake news. *Humanidades & Inovação*, v. 7, n. 17, p. 140-150. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3806> (acesso em: 22/03/2024).
- STRICK, Simon. The Alternative Right, Masculinities, and Ordinary Affect. In: DIETZEE, Gabriele; ROTH, Julia, Right-Wing Populism and Gender: European Perspectives and Beyond, Transcript: Gender Studies, 2020. p. 207–230,
- MARÉS, Chico; TARDÁGUILA, Cristina. Dez notícias falsas com 865 mil compartilhamentos: o lixo digital do 1º turno. *Agência Lupa*, 2018.
- VILAÇA, Glacila; D’ANDREA, Carlos. Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizada. *Revista Eco-Pós*, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: < [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27703/15230](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230) > Acesso em 15 fev. 2022.
- WELZER-LANG, Daniel (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482. <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/abstract/?lang=pt> (acesso em: 22/03/2024).